

autoridade consular de seu país; *meia cara*, ao contrário, era aquele que, abrangido pela naturalização constitucional, tornava-se brasileiro. A Constituição de 1824, realmente, no parágrafo 4º de seu artigo 6º, dizia serem cidadãos brasileiros “todos os nascidos em Portugal e suas possessões que, sendo já residentes no Brasil na época em que se proclamou a Independência nas províncias onde habitavam, aderiram a esta, expressa ou tacitamente, pela continuação da sua residência”. O jacobinismo traduziu-se nos títulos de jornais e pasquins que buscavam as fontes indígenas, de que foram exemplos *O Tupinambá Peregrino*, *O Índigena do Brasil*, *O Tamoio*, *O Tamoio Constitucional*, *O Carijó*, *O Caramuru*, tomando este o nome ao partido restaurador. Claro está que essa antecipação ao indianismo literário que se definiria adiante, era colocação falsa, mesmo no aspecto formal em alguns casos. Assim, ficaram conhecidos como *caramurus* os que defendiam o retorno de D. Pedro I, acusado entretanto de protetor dos portugueses.

A fúria antilusa esteve próxima de seus limites extremos particularmente naqueles que, dirigindo ou redigindo jornais ou pasquins e fazendo política partidária ou doutrinária, envolveram-se nos tumultos e nas rebeldias provinciais – um Cipriano José Barata de Almeida, um Antônio Borges da Fonseca, por exemplo. O primeiro levou o seu jacobinismo a raias inexcusáveis e iniciou-o de maneira ostensiva, na própria metrópole, quando deputado às Cortes. Residente na Bahia, sua província natal, depois de prolongada prisão em que padeceu os seus ardores libertários, encontrou os nacionais possuídos da tremenda paixão antilusa que ajudara a disseminar. Grupos populares apregoavam pelas ruas: “Fora, marotos, fora, / Viagem podem seguir. / Os brasileiros não querem / Marotos cá no Brasil”. O próprio Cipriano Barata comporia quadras contra os que detestava, e fazia as alterações correspondentes aos desvios de pronúncia, com o intuito do ridículo, e propunha que se cantasse à viola: “Treme, maroto, do fado, / Chora a tua disbentura, / Que o vem qu’agora desfrutas / Brebe foge, não te dura”. Barata tinha conhecimento do horror que, em troca, os portugueses lhe votavam, pela propaganda que fazia contra eles. Quando de seu forçado embarque do Recife para a Corte, protestou contra o fato de ir em companhia de lusos, dizendo de seus males: “além dos perigos em que me acharei por ir com gentes portuguesas, minhas mortais inimigas. . .”

Borges da Fonseca, o indômito redator do *Repúblico* que, como Barata, levou o seu jornal a toda parte e o manteve, com dificuldades fáceis de compreender, mas apesar de todas as vicissitudes, foi outro representante do feroz jacobinismo da época. Viu os praieiros acolherem um dos